

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO GERAL E APLICADA
CENTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

INICIAÇÃO NA PRANCHA À VELA

Autor: Sérgio Zippin Filho

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Administração Esportiva da UFPR - Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista.

Orientador: Mestre Marcos Schemberg

CURITIBA

2006

“Poucas coisas existem no mundo tão fascinante,
tão gratificante ou que tanto façam ao homem
quanto a arte de velejar”.

(Peter Heaton)

SUMÁRIO

RESUMO	vi
1 INTRODUÇÃO	1
2 A EVOLUÇÃO DO PROCESSO CIVILIZATÓRIO	2
3 O SURGIMENTO DO WIND SURF	5
3.1 SURGIMENTO NO MUNDO	5
3.2 SURGIMENTO NO BRASIL	7
4 PROJETO - INICIAÇÃO NA PRANCHA À VELA	9
4.1 OBJETIVO PRINCIPAL	9
4.2 OBJETIVO SECUNDÁRIO	9
4.3 PROBLEMA	9
4.4 JUSTIFICATIVA	9
4.5 PÚBLICO ALVO	10
4.6 DA ESCOLHA DO LOCAL	10
5 DOS CUSTOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO	11
5.1 RECEITAS	11
5.2 DESPESAS	11
5.3 RECURSOS NECESSÁRIOS	12
5.3.1 Recursos Físicos	12
5.3.2 Recursos Financeiros	12
5.3.3 Recursos Humanos	13
6 CRONOGRAMA PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO	14

7 DA CARTILHA	15
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	16
REFERÊNCIAS	17
ANEXOS	20

RESUMO

O surgimento do esporte de prancha à vela, que posteriormente ficou conhecido como windsurf, surgiu na década de 70 em meio a diversas dificuldades. Estas dificuldades geraram imprecisões na identificação do “verdadeiro” descobridor deste esporte magnífico. Em meio a estes problemas, procura-se fazer uma análise comportamental ligada a prática deste esporte, e, por fim, conclui-se o trabalho com um projeto para realização de um evento a fim de iniciar o contato entre a população e o windsurf. Tal projeto corresponde ao o plantio de uma semente, visando seu crescimento e propagando a prática da prancha à vela pelo litoral paranaense.

1 INTRODUÇÃO

Observando o litoral paranaense e constatando a quase inexistência de praticantes deste esporte, foi realizada busca tanto por praticantes quanto por materiais didáticos e equipamentos chegando a conclusão de que é muito difícil o acesso à prática pela quase inexistência de praticantes e informação.

Neste litoral, existem apenas alguns poucos praticantes, e destes poucos, uns cinco, a maioria deles está migrando para a prática de outros esportes, como o kite surf.

Quando o Windsurf veio para o Brasil era um equipamento muito pesado, caro, de difícil transporte e despertou pouco interesse pelos brasileiros em praticá-lo.

Porém, com a grande exposição que existiu decorrente de uma novela passada na televisão, acabou por ser absorvido, mas ainda era um equipamento caro, pesado e que não servia para todas as condições de vento e ondas.

Hoje, muito diferente daquela época, os velejadores tem duas ou três pranchas e contam com uma variedade de velas que lhes permitem velejar em quase que qualquer tipo de condição, excetuando-se as extremas.

Importante lembrar que a cultura atual valoriza esportes que são considerados radicais e para os que se interessam, o windsurf é o veleiro mais rápido existente no mundo, chegando ao recorde atual pelo velejador Finian Maynard em abril de 2005 na França com incríveis 48,7¹ nós, ou seja, 90,19 km por hora, muito além do que a maioria dos barcos e lanchas alcançam.

Para se ter uma idéia, a lancha Fishing 24, que tem 7,37 metros de comprimento e possui motor Envirude E-Tec de 225 hp, desenhada para mares não tão calmos, atinge velocidade máxima de 42,4 nós, ou seja 78,65 Km por hora².

Assim, visando estimular o primeiro contato entre o homem comum e o Windsurf, foi feita esta monografia a fim de realizar um evento para que todos possam conhecer a prancha à vela.

¹ Disponível em <<http://www.hiwindsbrasil.com.br>> Acesso em: 28 Maio 2006.

² DOTORRI, Márcio. Fishing 24: para pescarias profissionais, p. 102 ss.

2 A EVOLUÇÃO DO PROCESSO CIVILIZATÓRIO

Para Elias Norbert³, o homem está dentro de um longo processo de desenvolvimento da civilização; civilização no sentido amplo de conjunto de regras, condutas e valores que estão sendo aprimorados desde os primeiros momentos no surgimento da sociedade.

Pode-se considerar este aspecto de civilização está ligado à prática do windsurf pelo simples fato de que se o homem não estivesse progredindo nas suas regras, condutas e valores, seria absolutamente impossível a existência da sociedade, e diante disto, do próprio esporte em sentido amplo.

Elias⁴ utiliza-se da análise sobre textos de vários séculos para exemplificar as tentativas de se esclarecer às pessoas as formas de se agir em diferentes situações, situações estas que hoje nos parecem ser absolutamente grotescas porque já assimilamos as condutas que devem ser praticadas em detrimento daquelas, por exemplo: "Não devolva à travessa o pedaço de carne já mastigado"⁵ e "Não enfie os dedos nos ouvidos, no nariz e na comida ao mesmo tempo"⁶.

Neste processo de assimilação de condutas, valores e regras pela sociedade, passamos por momentos em que era preciso praticar determinadas condutas e nisso criavam-se determinados códigos específicos para os indivíduos que estavam interagindo naquela situação específica.

Este processo tem como único escopo a criação do homem, tanto individualmente como parte integrante da coletividade.

Após certo grau de desenvolvimento de valores, regras e condutas, passamos pelo período de industrialização, o qual jamais existiria se não fossem respeitados estes pilares.

Decorrente disto, instalou-se o processo de industrialização, e o indivíduo modificou a sua visão de mundo ao analisá-la por este prisma.

³ **O Processo Civilizador: uma história dos costumes e O Processo Civilizador: formação do Estado e civilização**, passim.

⁴ Ibid, passim.

⁵ Ein Spruch der ze Tische Kêrt, século XIV, *In* NORBERT, Elias. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**.

⁶ Stans Puer in Mesam, século XV, *In* NORBERT, Elias. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**.

Assim, o trabalho é visto como algo que não deve ser realizado por aqueles que possuem condições financeiras, sendo que os que não precisam trabalhar ocupam seu tempo com outras atividades, como a prática de esportes.

A prática de esportes, até então visto como privilégio de poucos, somente recentemente tornou-se acessível ao povo. Isto tudo decorrente de um processo ininterrupto de evolução do desenvolvimento civilizatório do próprio homem.

Tendo em vista o fato de que um dos precursores do windsurf é o surf, devemos conhecer a principal tese sobre o seu surgimento. O surf foi descoberto na Polinésia, era praticado pela população da ilha que hoje é conhecida como Hawaí, e consistia no prazer em deslizar sobre uma onda em cima de um tronco até a beira da praia.

As regras da época estabeleciam que o surf somente era permitido aos que já teriam cumprido suas tarefas (trabalho) a não ser que o rei declarasse que aquele fosse o dia do surf, quando todos poderiam dirigir-se para as praias e praticá-lo.

Com a população assimilando as regras e condutas de maneira a fazer incorporar na personalidade juntamente com seus valores, o ser humano passa a desenvolver o autocontrole necessário para que o processo civilizatório continue a se desenvolver.

Mais recentemente, através da prática do surf, as pessoas utilizam o esporte como forma de se manifestar contra as regras impostas pelo sistema existente, tanto que os praticantes são vistos como pessoas sem valores ou com valores deturpados.

Decorrente disto, os surfistas são estigmatizados como sendo pessoas dependentes de drogas, praticantes de condutas delituosas ou assemelhadas e que não possuem objetivos como o tornarem-se pessoas ricas ou conhecidas.

Foi tão grande o incômodo sofrido por aqueles que impõe as regras, que em 1821 a prática do surf foi considerada imoral pelos religiosos europeus, que rotularam a forma de vida dos hawaianos como sendo preguiçosa, decidindo proibir o surf. Somente em 1907 ele voltou a ser praticado, então por George Freeth.

Nesse enfoque que percebemos o ambiente no qual surgiu a prática do windsurf.

Os surfistas, observando os velejadores, novamente sentiram-se excluídos, principalmente pelo fato de eles têm maior poder aquisitivo, já que para a prática do esporte faz-se necessário os veleiros.

Pensando nisso, e numa forma de continuarem a praticar esporte quando não houvesse ondas, os surfistas, pessoas estigmatizadas como pessoas sem interesse no futuro, cogitaram formas de se implementar uma vela em uma prancha.

3 O SURGIMENTO DO WINDSURF

3.1 SURGIMENTO NO MUNDO

Existem três correntes acerca do surgimento do windsurf, cada qual atraindo para si a versão verdadeira da história.

A primeira delas⁷, defendida por Bob Bond, diz que no auge do sucesso do surf no litoral da Califórnia um grupo de surfistas vadiava na praia observando o vento brincar com a superfície oleosa das ondas. Alguns surfistas otimistas remavam em suas pranchas com as mãos, na esperança de que um bom vagalhão aparecesse. Enquanto isso, os recém-projetados catamarans aproveitavam a brisa para alegrar sua tripulação excitada, indo e vindo através das ondas.

Um daqueles surfistas que observavam era Jim Drake⁸, que começou a imaginar como uma prancha de surf poderia se comportar se tivesse uma armação de vela. Como marujo experiente, entendia as limitações mecânicas da prancha de surf e as tensões consideráveis causadas pelo mastro e vela convencionais. Sua idéia foi simples: eliminar as tensões prendendo o mastro à prancha através de um pino giratório, e usar o próprio tripulante como escora para o mastro e a vela. Depois de muitas experiências, conseguiu o apoio financeiro de Hoyle Schweitzer, e tirou uma patente. Os direitos da patente passaram para Schweitzer, a classe windsurfer surgiu e iniciou-se uma limitada produção.

O interesse do público não era grande, porém, até que um grupo de europeus trouxe o windsurfer às praias abertas do Mar do Norte, quando cresceu o interesse. Os alemães e os holandeses apreciaram muito esse esporte, originando uma demanda tal que exigiu o estabelecimento de uma fábrica na Europa.

A segunda versão⁹ defende que somente na década de 60 surgiram duas publicações sobre pranchas a vela, equipadas com manuais. A primeira publicação foi de um inventor da Pennsylvania com nome de S. Neuman Darby, e a segunda foi do californiano do sul Jim Drake.

⁷ MATHIAS, Bob e BOND, Bob. **Vela e prancha para todos**, p. 69.

⁸ WINNER, Ken e JONES, Roger. **Windsurf: Liberdade no Vento**, p. 11 ss.

⁹ Ibid, mesmas páginas.

Na sua publicação Jim Drake descrevia os esforços empenhados por ele e por caso Hoyle Schweitzer no desenvolvimento do equipamento. Atualmente Hoyle Schweitzer é o detentor da patente para a fabricação de Windsurfe.

Em agosto de 1965 foi publicado na Popular Science, um artigo com o título “Prancha a vela: um novo e excitante esporte aquático para diversão na água em alta velocidade... Um esporte tão novo que menos de 10 pessoas o dominam.”

O projeto não patenteado era de S. Newman Darby e a prancha tinha uma vela quadrada projetada para ser empurrada pelo vento. Era manobrada “girando-se o mastro em sua cavidade, inclinando-se a vela”¹⁰. O projeto não vingou e foram vendidas apenas algumas unidades.

A origem do nome técnico “vela livre” surgiu porque o tripulante apóia a vela segurando a retranca e muda a direção servindo-se da junção universal para mudar a posição da vela, sem a existência de dispositivos mecânicos como polias ou alavancas entre o velejador e os elementos vela e água.

A maioria dos problemas ligados ao sistema de vela livre foi resolvida por Jim Drake, que já tinha conhecimentos oriundos da engenharia aeronáutica.

Para finalizar o desenvolvimento do projeto, Drake acabou desenvolvendo seis modelos diferentes, mas optou pelo que melhor respondeu ao seu anseio, que era o projeto baseado na articulação total no qual a vela pode descrever um círculo inteiro.

Em 1968 iniciaram-se os processos de patente por vários países, e Schweitzer, que dera acabamento no projeto Windsurfer decidiu entrar no ramo da construção da nova embarcação.

Em 1970 ele produziu um número limitado de pranchas denominadas Baja-Boards, confeccionada por espuma plástica revestida de fibra de vidro.

Como a produção era limitada, até 1973 o esporte não era conhecido e somente com a obtenção dos direitos de produção na Europa pelo empresário têxtil holandês Nijverdal Tem Cate o esporte passou a ser conhecido.

No decurso de 1973 até 1978 estima-se que foram fabricadas 150.000 pranchas a vela, incluindo-se todas as marcas, até as piratas.

¹⁰ Ibid, p. 12.

No biênio de 1977 a 1978, diversas fábricas passam a competir pela produção da prancha de Windsurfe e o progresso do esporte passa a ser extremamente acelerado.

Para fabricação no Brasil apenas duas licenças foram concedidas, uma para a Offshore e a outra para Coast Catamaran (windglider).

E por fim, a terceira versão¹¹ diz que os inventores do Windsurf foram Newman e Naomi Darby, que eram namorados, sendo ele velejador e ela canoísta. Naomi queria que seu namorado colocasse uma vela na sua canoa para que ela pudesse se locomover mais rápido, e como ele atendeu a seu pedido, acabaram por descobrir o Windsurf. Consultaram advogados a fim de patentear a invenção e iniciar a produção para venda, mas como não possuíam condições financeiras e constataram que a quantia a ser investida seria muito além de suas possibilidades, acabaram por desistir da invenção, que então foi patenteada pelo engenheiro aeroespacial Jim Drake e o velejador Hoyle.

3.2 SURGIMENTO NO BRASIL

A primeira prancha foi trazida ao Brasil¹² por Fernando Germano, do Clube de Campo de São Paulo, e os primeiros a praticar de fato o esporte em nosso país foram Klus Peters e Marcelo Aflalo, ambos de São Paulo.

Até o início da década de 80 foram vendidas algumas pranchas de Windsurf, conhecidas como windglider, modelo inicial cujo custo era muito alto para os padrões brasileiros, o que somado à pouca divulgação do esporte, acabou por não ser absorvido rapidamente pelos desportistas.

O problema da divulgação do esporte foi resolvido em fevereiro de 1980 com o início da transmissão pela rede de televisão Globo da novela "Água Viva", escrita por Gilberto Braga e Manoel Carlos, cuja cena de abertura da novela mostrava um windsurferista velejando, o que iniciou uma maior busca pelo esporte, culminando na disseminação da prática no país, muito embora restringida praticamente ao Rio de Janeiro e São Paulo.

¹¹ Disponível em <<http://360graus.terra.com.br>> Acesso em: 22 Maio 2006, passim.

¹² Disponível em <<http://sites.uol.com.br/windpoint>> e <<http://ecoporte.com.br/ecoturismo/aguas/windsurf.htm>> Acesso em: 22 Maio 2006, passim.

Esta restrição deve-se principalmente ao fato de ser difícil o acesso aos equipamentos, tendo em vista o alto custo e a pouca demanda. Assim, somente nestes pólos (Rio de Janeiro e São Paulo) é que lojas especializadas conseguem adquirir o equipamento para a venda.

Assim, esta “imensa” procura é considerada imensa porque até o momento da veiculação da novela, era raríssimo encontrar um velejador que tivesse praticado Windsurf.

4 PROJETO – INICIAÇÃO NA PRANCHA À VELA

4.1 OBJETIVO PRINCIPAL

O principal objetivo do projeto aqui apresentado é propiciar um contato entre pessoas que tenham interesse na prática deste esporte no litoral do Estado do Paraná.

4.2 OBJETIVO SECUNDÁRIO

Aumentar o número de praticantes de prancha à vela no Estado do Paraná.

4.3 PROBLEMA

A ausência de praticantes de Prancha a Vela no litoral do estado do Paraná é devida a dois fatores: primeiramente pela baixa qualidade do vento na maior parte do litoral, e, em segundo lugar pelo alto custo dos equipamentos necessários ao esporte.

4.4 JUSTIFICATIVA

Pretende-se uma nova estimativa de público alvo para iniciação no esporte, tendo em vista que a visão correta deve ser: “é o esporte a vela mais barato que existe, que requer menor manutenção e de mais fácil armazenamento”.

Deve ser procurado por pessoas que se interessem pela vela e acabam por optar pelo modelo mais barato e que oferece maior contato entre o esportista e a atividade.

O esporte é voltado para aqueles que tem condições de adquirir este tipo de equipamento e que se interessam pela vela. Não constituem público alvo pessoas que estão procurando qualquer esporte e/ou que não tenham condições de adquirir os equipamentos.

Atualmente, devido ao grande desenvolvimento de artefatos tecnológicos para este esporte, existem modelos desenvolvidos especialmente para lugares com pouco vento, proporcionando mesmo com um vento fraco um excelente desempenho da prancha à vela.

4.5 PÚBLICO ALVO

Pessoas que tenham condições de comprar um equipamento para iniciar a prática desportiva, nas idades entre 12 a 60 anos.

Existem modelos de pranchas para praticantes bem leves e até outras infláveis para que pessoas muito novas ou sem preparo físico necessário possam ter contato com o esporte.

4.6 DA ESCOLHA DO LOCAL

O local escolhido para a implementação do presente projeto foi a praia mansa de Caiobá, situada no município de Matinhos, litoral do Estado do Paraná.

Esta escolha justifica-se por dois motivos: o primeiro é devido ao grande número de freqüentadores desta praia na época de temporada (final e início de ano até meados do carnaval) e que possuem condições financeiras de adquirir o equipamento de Windsurf; o segundo motivo é a tranqüilidade do mar e a existência de ventos fracos a moderados, combinados com temperatura agradável para o esporte.

A cidade de Matinhos possui 15.714 habitantes e recebe na temporada de verão uma enorme quantidade de turistas, estimados em 500 mil por verão, localizando-se a apenas 111 km da capital do Estado. Além disso, está a 3 metros de altitude em relação ao nível do mar, sendo que a extensão de suas praias é de 215 km.

A temperatura do ar e da água são fatores importantes para incentivar as pessoas a iniciarem o processo de aprendizagem do windsurf. Nesse aspecto, é um fator positivo o local ter temperatura média no verão de 22 graus centígrados. Somente a título de informação, no inverno a temperatura média é de 18 graus centígrados.

5 DOS CUSTOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO

Para a implementação inicial do Projeto descrito no item anterior, nas condições e características lá constantes, estima-se abaixo os custos necessários.

5.1 RECEITAS

Estima-se receitas no valor de R\$ 42.300,00 (Quarenta e dois mil e trezentos reais), através do pagamento em duas parcelas a ser realizado pela Operadora de Telefonia Celular (sugestão) que comprar a idéia do evento.

5.2 DESPESAS

Quanto às despesas com a implementação do projeto, estima-se:

- a) Quiosque na beira mar: R\$ 5.000,00 pagos em duas parcelas de R\$ 2.500,00 cada;
- b) Instrutor Chefe: R\$ 3.000,00 pagos em duas parcelas de R\$ 1.500,00 cada;
- c) Escola de vela conveniada: R\$ 5.000,00 pagos em duas parcelas de R\$ 2.500,00 cada;
- d) Instrutores auxiliares: R\$ 4.500,00 sendo 3 instrutores a R\$ 1.500,00 cada;
- e) Guarda-Vidas: R\$ 2.500,00 pagos em duas parcelas de R\$ 1.250,00 cada;
- f) Transporte do equipamento: R\$ 1.500,00;
- g) Confecção de Logomarca: R\$ 1.000,00;
- h) Material de propaganda: a empresa contratante arcará com a propaganda;
- i) Material de reposição: R\$ 2.000,00;
- j) Segurança (coletes, etc): R\$ 4.000,00;
- l) Pagamento de água e energia elétrica: R\$ 800,00;
- m) Jet Ski: R\$ 5.000,00 pelo aluguel por 14 dias;
- n) Confecção das Cartilhas: R\$ 6.000,00 pelas 20 mil cartilhas e layout.
- o) Despesas extras: R\$ 2.000,00

5.3 RECURSOS NECESSÁRIOS

5.3.1 Recursos Físicos

Para a implementação do Projeto de iniciação na prancha à vela, serão necessários os recursos abaixo descritos:

- a) Uma casa próxima ao mar, com terreno de pelo menos 100 m², a fim de ser utilizado para deixar os equipamentos durante o tempo em que não estarão na água e permanecerão sob a vigilância do pescador;
- b) 18 coletes salva-vidas, sendo 6 pequenos, 6 médios e 6 grandes;
- c) Um quiosque montado na beira do mar com dois atendentes do patrocinador do evento (uma operadora de telefonia celular, por exemplo);
- d) Material de propaganda do patrocinador;
- e) 6 Pranchas a vela completas;
- f) 6 rigs completos de reserva;
- g) 10 Quilhas e bolinas para reposição.
- h) jet ski modelo para três pessoas, a fim de ser utilizado caso seja necessário resgate;
- i) 10 Poitas com bóias grandes para servirem de balizadores para os praticantes;
- j) 20 mil cartilhas contendo glossário das palavras utilizadas pelos praticantes do esporte.

5.3.2 Recursos Financeiros

Faz-se necessário, a fim de implementar o presente projeto, o investimento do valor de R\$ 42.300,00 (Quarenta e dois mil e trezentos reais) a serem pagos por uma empresa patrocinadora, sendo sugestão que seja uma Operadora de Telefonia Celular, tendo em vista a extensão do público abrangido pela prestação dos serviços por ela prestados, a serem pagos em duas parcelas iguais, a primeira na contratação e a segunda no final do evento.

5.3.3 Recursos Humanos

Para a implementação do projeto, faz-se necessário a presença de no mínimo um instrutor de prancha à vela habilitado, além de três ajudantes de vela, um guarda-vidas com Arrais para pilotar jet ski e um segurança para cuidar do equipamento.

6 CRONOGRAMA PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO

Como sugestão de cronograma para a implementação do projeto em tempo hábil antes de iniciar-se a temporada de verão, deve-se observar os seguintes pontos:

- a) O evento terá duração de duas semanas, iniciando no dia 03 até o dia 17 de janeiro de 2007;
- b) As pessoas que tiverem interesse em aprender Windsurf deverão preencher um formulário e informar o número do seu aparelho celular, independentemente da operadora, a fim de realizar a inscrição no evento;
- c) As pranchas serão colocadas em frente ao quiosque que dará suporte, na beira do mar;
- d) Será ensinado o básico de Windsurf para os interessados que fizerem a inscrição e para os que já possuírem alguma noção do esporte, serão ensinadas técnicas avançadas e manobras;
- e) Cada pessoa poderá ficar somente 1 hora com o equipamento, de forma gratuita;
- f) Serão distribuídas cartilhas contendo as palavras utilizadas pelos praticantes do esporte e seus significados.

7 DA CARTILHA

A cartilha a ser distribuída aos participantes do evento de iniciação na prancha à vela deverá conter as palavras mais utilizadas pelos praticantes do esporte, visando familiarizar a pessoa que tem interesse em aprender com o equipamento e com o esporte mais especificamente. Poderá ainda conter figuras sobre como utilizar o equipamento e sobre as principais manobras.

No Anexo I segue sugestão do vocabulário utilizado pelos praticantes do esporte¹³.

¹³ Disponível em <<http://www.bl3.com.br/formglossario.htm>> Acesso em 22 Maio 2006, passim.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem problemas que estão destruindo por completo o desenvolvimento saudável das pessoas nesse país. Parte destes problemas é oriundo da natureza decorrente da inabilidade do homem em lidar com ela, imaginando que jamais sofrerá reflexo disto, o que está comprovadamente errado.

Por outro lado, existe outro problema que é muito mais grave: a falta de valores. A falta de valores acarreta uma reação em cadeia que vai desde o desprezo das práticas corretas de se utilizar o planeta até a prática absolutamente dolosa de absurdos contra o próprio ser humano.

O esporte é a solução para esses problemas.

Não porque o esporte “tira” as pessoas das ruas, local onde podem ter contato com condutas desaprovadas, o que não é nem próximo de alguma solução, mas sim porque o esporte é a única forma viável que resta para o ensinamento de valores para o ser humano.

O objetivo desta monografia é simplesmente viabilizar o contato de diversas pessoas com o maravilhoso esporte de prancha à vela, e quem sabe, através disto venha a nascer uma relação onde o fruto será nada mais ou nada menos do que valores dignos de um ser humano.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Informação e documentação – referências, elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2000.

_____. **NBR 6024**: Numeração progressiva das seções de um documento. Rio de Janeiro: ABNT, 1989.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro: ABNT 2002.

_____. **NBR 14725**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos – apresentação. Rio de Janeiro: ABNT 2001.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE WINDSURF (ABWS). Disponível em <<http://www.abws.com.br>> Acesso em: 22 Maio 2006.

BRASIL. Secretaria Internacional do Trabalho. **Gestão das questões relativas à deficiência no local de trabalho: repertório de recomendações práticas da OIT**. CUNHA, Edílson Alkmin (trad.). 1.^a ed. Brasília: OIT, 2004. Disponível em <http://www.ilo.org/public/portugue/region/ampro/brasil/ia/info/download/gestao_quest_ao.pdf> Acesso em: 27 Maio 2005.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE CANOAGEM (CBCA). Disponível em <<http://www.cbca.org.br>> Acesso em: 22 Maio 2006.

DOTORRI, Márcio. Fishing 24: para pescarias profissionais. **Revista Náutica**. São Paulo. N.º210. P. 102 ss. Fevereiro de 2006.

Eco Esporte. Disponível em <<http://www.ecoesporte.com.br>> Acesso em: 22 Maio 2006.

Escola Up Wind. Disponível em <<http://www.upwind.com.br>> Acesso em: 22 Maio 2006.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE VELA E MOTOR. Disponível em <<http://www.fbvm.org.br>> Acesso em: 22 Maio 2006.

FERNANDES, Roberto P. **360 Graus**. Disponível em <<http://www.360graus.com.br>> Acesso em: 22 Maio 2006.

Guia Floripa. Disponível em <<http://www.guiafloripa.com.br>> Acesso em: 22 Maio 2006.

Hi-Winds Boardsports. Disponível em <<http://www.hiwindsbrasil.com.br>> Acesso em: 28 Maio 2006.

Kanaha Water Sports. Disponível em <<http://www.kanaha.com.br>> Acesso em: 22 Maio 2006.

MATHIAS, Bob e BOND, Bob. **Vela e prancha para todos**. BROTTTO, Douglas Éden (trad.). Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico S/A, 1983.

MORI, André Shibud Gimenez. **Clínica Surf**. Disponível em <<http://www.clinicasurf.com.br>> Acesso em: 22 Maio 2006.

MURAKAMI, Margarete. Guia Ford Ranger de Aventura. *In: Revista Aventura e Ação*. São Paulo, Ano IX, n.º82, passim.

NORBERT, Elias. **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. RIBEIRO, Renato Janine (apres.). Vol. I. Cidade: Jorge Zahar Editora, 1994.

NORBERT, Elias. **O Processo Civilizador: formação do Estado e civilização**. RIBEIRO, Renato Janine (apres.). Vol. II. Cidade: Jorge Zahar Editora, 1993.

NUNES, Luiz Antonio Rizzatto. **Manual da Monografia Jurídica**. São Paulo: Saraiva, 1997.

PRADE, Ernstfried. **Windsurf para iniciados**. Barcelona: Editora Blume, 1987.

Qix International Marketing. Disponível em <<http://www.maryjane.com.br>> Acesso em: 28 Maio 2006.

REU, André. **Praias do Paraná**. Disponível em <<http://www.praiasdoparana.com.br>> Acesso em: 28 Maio 2006.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. Biblioteca Central. **Normas para apresentação de trabalhos**. Pt. 2: Teses, dissertações, monografias e trabalhos acadêmicos. Curitiba: Editora UFPR, 2000.

_____. **Normas para apresentação de trabalhos**. Pt. 6: Referências. Curitiba: Editora UFPR, 2000.

_____. **Normas para apresentação de trabalhos**. Pt. 7: Citações e notas de rodapé. Curitiba: Editora UFPR, 2000.

_____. **Normas para apresentação de trabalhos**. Pt. 8: Redação e editoração. Curitiba: Editora UFPR, 2000.

Water Sports Brazil Ltda (WSB). Disponível em <<http://www.watersportsbrazil.com.br>> Acesso em: 22 Maio 2006.

_____. Disponível em <<http://www.windsurfmania.com.br>> Acesso em: 22 Maio 2006.

WINNER, Ken e JONES, Roger. **Windsurf: Liberdade no Vento**. AZEVEDO, Francisco de Castro (trad.). Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico S/A, 1982.

ANEXOS

ANEXO 1 – VOCÁBULÁRIO PARA A CARTILHA

ANEXO 2 – FOTOGRAFIAS

ANEXO 3 - MANOBRA FRONT LOOP I – PASSO A PASSO

ANEXO 1

AERIAL JIBE: Manobra em que o velejador salta bem alto, sem soltar os pés das alças, gira a prancha 180° e vira a vela no ar. Assim ele já cai com a prancha virada para o outro lado e com a vela pronta pra sair planando. Freestyle and Just For Fun.

AGENDA FLEXÍVEL: Gíria. O que todos gostaríamos de ter, para poder velejar sempre que ventasse.

“ÁGUA!”: Palavra gritada durante velejo. Significa o pedido de preferência ao se cruzar com outra prancha ou embarcação.

ALÇAS (FOOTSTRAPS OU STRAPS): Cintas colocadas na parte traseira da prancha, onde o velejador encaixa o pé para adquirir mais estabilidade e controle durante o velejo. "Colocar os pés nas alças" é um dos fundamentos que todo windsurfista deve aprender.

AMARELAR: Gíria. Ficar com medo.

ARRIBAR (GO DOWNWIND): Afastar o bico da prancha da linha do vento.

AVS: Apêndice flexível colocado na rabeta de algumas course boards para diminuir a tendência a spinout.

BACK LOOP: É o loop no qual a rotação da prancha é para trás.

BALÃO (CATAPULT): Mesmo que catapulta. Gíria mais usada na região Nordeste do Brasil.

BARLAVENTO (WINDWARD): O lado de onde vem o vento.

BATIDA (CHOPPY): Gíria. Diz-se da água agitada, com muitas marolas.

BEACH STAR: É a técnica usada para iniciar o velejo a partir da praia (daí o nome). Estando com água até no máximo a altura da cintura, o velejador ergue o rig o suficiente para encher a vela com vento, e então é erguido por ele para sua prancha, na posição correta para velejar.

BEAUFORT: Nome de escala de intensidade de vento, criada por sir Francis Beaufort.

BODY DRAG (BODY DRAG): Manobra de freestyle na qual o velejador retira os pés da prancha temporariamente arrastando-os na água, e depois retorna à posição inicial.

BOLINA (DAGGERBOARD): Grande "quilha" retrátil situada no meio de vários modelos de pranchas grandes. Facilita a orça e o equilíbrio, mas deve ser recolhida ao arribar e em ventos mais fortes.

BOMBPEAR (TO PUMP): Gíria. Significa colocar a vela para frente e para trás para auxiliar o planeio em ventos fracos.

BOMBORDO: O lado esquerdo da embarcação, considerando-se a proa como sua frente .

BORDO (DAR UM BORDO - TO TACK): Troca de direção e de lado pelo qual a vela recebe o vento de forma que se olhe o vento de frente no ponto intermediário da curva.

BORESTE: Lado direito da embarcação (olhando da popa para a proa). A palavra vem de *estibordo*, com supressão da sílaba final e transposição da penúltima para o começo. Essa modificação foi necessária para se evitar a confusão de sonoridade durante uma instrução de manobra com *bombordo*.

BUFANDO (ESTAR BUFANDO): Gíria. Quando está ventando muito.

BV: Gíria. Significa "Bons Ventos". Saudação usada na lista de discussão.

BUMP & JUMP: Modalidade de velejo onde se faz uso das marolas para saltar (chop-hops), ou ainda, classificação de tipo de prancha para esta modalidade.

CABO: Qualquer corda usada no meio náutico.

CAÇAR: Puxar (um cabo, vela, etc.).

CAIXA-PREGO: Gíria. Ver prego.

CALMARIA (LULL): Falta de vento.

CAMBADA: Mudança da posição da vela, para que ela receba o vento pelo outro bordo.

CAMBER: Dispositivo de plástico na ponta da tala que abraça o mastro. Ajuda a manter a forma da vela. Ajuda a velocidade e estabilidade, mas às custas de manobrabilidade, peso e facilidade de uso da vela.

CANAS: Gíria. Modo abreviado de se referir à "Ponta das Canas", pico de velejo leste na Ilhabela.

CARNEIRINHOS (WHITE CAPS): Gíria. Cristas esbranquiçadas das ondas, que acusam existência de vento bom para a prática de windsurf.

CASCO (HULL): Gíria. Para se referir apenas à prancha. Nome herdado de veleiros.

CATAPULTA (CATAPULT; SER CATAPULTADO: GET SLAMMED): Gíria. Tombo espetacular, no qual o velejador é arremessado pela frente da prancha, tendo como consequência provável algum prejuízo.

CAVITAÇÃO (SPINOUT): Ver spinout

CHOP: palavra proveniente do inglês. Marola, pequena ondulação gerada pelo vento forte.

CLEW-FIRST: palavra proveniente do inglês: Velejar, ou executar manobras, com a vela "invertida", na posição onde o olhal fica mais próximo à proa.

CONTORNO (OUTLINE): contorno do fundo da prancha

COURSE (COURSE BOARD): palavra proveniente do inglês. Tipo de prancha muito larga e com quilha enorme, o que facilita o planeio e a orça, mas dificulta manobrabilidade e desempenho em água batida ou ventos fortes.

CROWD: Multidão.

CURVATURA DO FUNDO (ROCKER LINE): Curvatura longitudinal do fundo da prancha.

CUSTOM (CUSTOM): Prancha feita sobre medida para as necessidades do velejador.

DOWNHAUL: Cabo que prende a vela ao pé do mastro.

DOWNWIND: Ver arribar.

DROPAR: Descer da crista da onda (do inglês "to drop").

CK JIBE: Jibe no qual o velejador se agacha (em inglês, to duck) girando a vela pela popa da prancha.

DUCK TACK: É um bordo utilizado apenas em campeonatos de freestyle ou Just For Fun. A vela é passada para o outro lado, mas ao invés do velejador passar pelo lado do mastro ele passa por trás da esteira e pela rabeta da prancha.

EDGE: Parte afiada da borda da prancha.

EMBANDEIRAR (TAIL WALK): Velejar por alguns segundos apoiado apenas na rabeta, com o bico aproximadamente um metro acima da água. Prováveis causas: "overpowered" e com quilha grande.

EQUIPO (GEAR): Abreviação de "equipamento".

ESTEIRA (TACK): Parte inferior da vela. É delimitada pelo olhal de testa e olhal da esteira.

ESTIBORDO: *(Palavra em desuso.)* Ver boreste.

FLAT: Água sem ondulações, lisa.

FORWARD (FORWARD LOOP): Loop no qual a rotação da vela é para frente. Este é o mais comum e mais fácil de executar.

FREERIDE: Prancha pequena e de bom desempenho, derivada das slalom, feita para ser usada em uma ampla gama de condições.

FREESTYLE: Competição ou tipo de velejo onde o que importa é a originalidade, plástica e grau de dificuldade da manobra.

FORMULA WINDSURFING: Tipo de competição em que podem ser inscritas uma prancha (do tipo course, produzida por fabricantes credenciados) e três velas por competidor. É a categoria que mais cresce em número e qualidade de velejadores atualmente no Brasil e no mundo todo.

FUNBOARD (FUNBOARD): Prancha destinada a ser usada em condições de planeio.

HELI-TACK: OU HELICOPTER TACK: é um bordo onde se "empurra" a vela contra o vento durante a transição, fazendo com que o velejador não passe pela proa da prancha.

IMCS OU IMCS (INDEXED MAST CHECK SYSTEM): Método reconhecido internacionalmente de medição da rigidez e características de curvatura do mastro. Geralmente seu grau varia entre 17 e 32.

JIBE: troca de direção e de lado pelo qual a vela recebe o vento de forma que se dê as costas para o vento no ponto intermediário da curva. Normalmente a vela gira pela proa da prancha (exceção: duck jibe).

JUMP JIBE: jibe no qual a troca de direção da prancha é feita no ar, após um salto.

KIT TRAPÉZIO: conjunto de dois cabos, fixados simetricamente em laço em cada lado da retranca, onde se engancha o trapézio.

LAY DOWN JIBE: jibe no qual a vela é deitada (em ingles, lay down) paralelamente a água, quase tocando a mesma.

LINHA DO VENTO: linha imaginária paralela à direção do vento.

LOOP: salto no qual o velejador dá um volta completa com a vela no ar.

MACHADÃO: tipo de jibe mal sucedido quando o mastro cai na água, por cima do velejador, com muita velocidade.

MARAL (ONSHORE): direção do vento soprando do mar para a terra.

MASTRO (MAST): geralmente identificados pela porcentagem de fibra de carbono (30, 55, 75, 90 ou 100) que contém, seu comprimento (430 - 550 cm) e o índice IMCS (25 - 32).

MERRECA: vento fraco demais para o velejo.

MERREQUEIRO: velejador que se dá bem com vento fraco, em geral os "pesos penas". No vento forte, costuma amarelar e vai para a praia esperar o vento baixar.

MIAR: quando o vento começa a diminuir. *Ih, o vento tá miando!*

MILHA MARÍTIMA (NAUTICAL MILE): medida de distância igual a 1852 metros. A razão do número quebrado é que uma milha marítima corresponde a um minuto (1/60) de grau de latitude na superfície terrestre. Assim, a distância do pólo norte ao pólo sul é 180 (graus) vezes 60 (minutos por grau) = 10800 milhas marítimas.

MONKEY JIBE: jibe onde o velejador executa uma volta pela frente do mastro durante a transição.

MONOFILME (MONOFILM): material transparente com o qual atualmente são feitos os painéis das velas de windsurf.

MYLAR (MYLAR): filme de poliéster usado na fabricação da vela.

NÓ (KNOT): medida de velocidade igual a uma milha marítima por hora.

OFFSHORE: ver terral.

OLHAL (CLEW): anel metálico por onde se amarram cabos numa vela.

ONE DESIGN: categoria de pranchas com as quais são disputadas as regatas das Olimpíadas.

ONSHORE: ver maral.

ORÇAR (GO UPWIND): aproximar o bico da prancha da linha do vento.

OUTHHAUL: cabo que prende a vela na extremidade traseira da retranca.

OVER: forma abreviada de overpowered.

OVERSHEET: caçar bastante a vela durante o jibe com o objetivo de executa-lo sem parar de planar.

PADS: carpete de espuma ou borracha colocado na zona onde ficam os pés do velejador (sob as alças) para absorver impactos e evitar escorregões.

PAINEL (PANEL): seção da vela, geralmente feita de monofilme transparente e dividida de outras seções pelas talas.

PÉ (FOOT): unidade de comprimento equivalente a 30,48 cm.

PÉ-DE-MASTRO (MASTFOOT): conecta o mastro à prancha através de uma junta universal, o que permite rotação de 360 graus do rig.

PICO: local apropriado para o velejo de windsurf.

PIVOT JIBE (SPINNING JIBE, OU SLAM JIBE, OU SCISSOR JIBE): é um jibe onde o velejador força a rabeta da prancha para dentro da água fazendo com que a prancha pivoteie rapidamente e complete a transição.

PLANAR (TO PLANE): velejar com uma velocidade tal que apenas uma pequena área da prancha toque a água, como ocorre num esqui aquático.

PLAQUETA (FIN BOX NUT): também como é conhecida a porca que corre no trilho de fixação do pé-de-mastro.

PONTEIRA (BOOM FRONT END): extremidade dianteira da retranca, que se fixa ao mastro.

POPA: parte de trás de qualquer embarcação.

POWERJIBE: jibe em que primeiro vira-se a vela para só depois trocar os pés.

PRANCHA (BOARD): existem várias categorias: Slalom, Funboard, Course, Wave, Freeride, Freestyle, One Design.

PREFERÊNCIA: conjunto de regras mundialmente aceitas por todas as embarcações, a fim de evitar colisões. É muito importante todo velejador conhecer pelo menos as principais, que são:

- em bordos distintos (num cruzamento), quem está com a vela à esquerda (lembrese que esquerda é bombordo, o bordo bom);
- com velas do mesmo lado, quem está orçando mais;
- quem tem menor mobilidade. Assim, geralmente uma embarcação à vela tem preferência sobre uma a motor. Mas há exceções, como quando cruzamos um petroleiro no Canal de São Sebastião, ou um barco de pesca soltando a rede.

Não basta ao barco sem preferência se desviar, pois isto deve ser feito com bastante antecedência e definição, enquanto que a embarcação com preferência deve manter o rumo. As regras obrigam a embarcação sem preferência a se afastar, mas não garantem o direito da embarcação com preferência, ou seja, a embarcação sem preferência é obrigada se afastar, mas no caso de não fazê-lo, a embarcação com preferência tem a obrigação de evitar o contacto. Por isso a manobra feita com antecipação e de forma clara é indispensável, pois permite à embarcação com preferência decidir que ela é que deve se desviar, pois talvez a outra não tenha como se desviar por qualquer motivo. Isto é definido desta maneira para se evitar os choques a qualquer custo. Nesta hora não importa quem tem razão ou não, o que importa é evitar o contato.

PREGO: 1- Quem veleja mal (porque prego afunda, ou porque fica "pregado" na prancha, sem mobilidade). 2- Forma de chamar velejadores não muito amigos.

PROA: parte da frente de qualquer embarcação.

PUSH LOOP: "back loop" que se executa empurrando a vela contra o vento.

PUXÃO (UPHAUL): cabo pelo qual se levanta a vela quando esta está na água.

QUILHA (FIN, SKEG): situada na rabeta, dá estabilidade direcional à prancha. É peça intercambiável, com tamanho e forma acompanhando a variação do tamanho

da vela usada (quanto maior a vela, maior a quilha), e função (orça, manobrabilidade, etc.)

QUINAR: quando se veleja em vento muito forte com bolina estendida, ou quilha muito grande, a prancha tende a virar de "quine" para sotavento, causando desconforto ao velejador, e ocasionalmente catapultas.

QUIVER: nome dado a toda a "tralha" de windsurf, mais constantemente usado para descrever seu conjunto de pranchas.

RABETA: a popa da prancha.

RAF: vela sem cambers.

RAIL: borda da prancha.

RAIA: percurso, em geral demarcado por bóias, onde ocorre uma competição.

RAJADO (GUSTY): vento com grande variação de velocidade.

RETRANCA (BOOM): tubo de alumínio (ou fibra de carbono) curvo que se prende ao mastro e à vela.

RIG: nome dado ao conjunto (montado) de vela-mastro-retranca.

RONDADA (SKEWING): usado para designar mudanças de direção do vento durante um través, bordejada, ou orça.

ROUBADA: velejo ruim. Possíveis causas: 1- Sair pra velejar e o vento acabar totalmente, tornando a volta muito difícil ou quase impossível. É uma das piores experiências de um velejador. 2- Quando o equipo quebra na água.

SACOLÃO: sacola bem grande usada para carregar principalmente velas e mastros. Alguns chegam a colocar até mesmo a retranca, porém desmontada. Normalmente leva 3 velas e 3 mastros.

SARCÓFAGO (GEARBAG): capa de grandes dimensões usada para transportar mais facilmente todo o equipamento em viagens de carro ou avião. Seu nome deve-se à semelhança de seu formato com o dos egípcios.

SIDESHORE: direção do vento soprando paralelamente à praia.

SLALOM (SLALOM): prancha pequena que privilegia a velocidade.

SOBREVELADO (OVERPOWERED): estar com excesso de potência em função do tamanho exagerado da vela para uma dada intensidade de vento.

SPINOUT: fenômeno hidrodinâmico causado pelo surgimento de uma turbulência indesejada na face da quilha voltada para barlavento. A sensação é a de que a quilha tenha desaparecido, e a prancha começa a andar em ângulo de 45 graus em relação ao seu deslocamento. Possíveis causas: quilha pequena para o tamanho da vela, muita pressão do pé de trás sobre a prancha, salto durante orça. O nome técnico é cavitação.

SOTAVENTO (LEEWARD): o lado para onde vai o vento.

SPOCK: manobra complexa onde o velejador dá um 180° com a prancha, logo seguido de um 360° com a vela e finalizando com o complemento do 360° da prancha. Muito rápida, impressionante e bonita. Foi apresentada por Josh Stone num campeonato de Freeride em Fuerteventura.

STEPJIBE: jibe em que primeiro troca-se os pés para só depois virar a vela.

STRAPS: 1. Alças 2. Cinta usada para prender o equipamento no bagageiro do carro.

TABLE TOP: salto no qual o velejador levanta a prancha no ar fazendo-a parecer o "topo de uma mesa".

TALA (BATTEN): vara flexível de fibra de vidro ou carbono que sustenta o formato da vela.

TERRAL (OFFSHORE): direção do vento soprando da terra para o mar.

TESTA (LUFF): parte da vela próxima do mastro em todo seu comprimento.

TRANSIÇÃO (TRANSITION): momento em que mudamos o lado da vela em diferentes tipos de jibes e bordos.

TRAPÉZIO (HARNESS): espécie de cinto com gancho usado para se pendurar no kit trapézio, aliviando a tensão dos braços do velejador. A melhor invenção para o windsurf depois da vela!

TRAVÉS (ABEAM): direção perpendicular ao deslocamento da prancha.

TREZENTOS E SESENTA: manobra de freestyle na qual o velejador gira 360 graus em torno de si mesmo, continuando a velejar na direção inicial.

VACA (WIPE OUT): tombo.

VALUMA (LEECH): borda da vela que vai do topo do mastro à extremidade traseira da retranca.

VENTO APARENTE: resultante do vento real com o vento induzido, criado pelo movimento do rig. É o vento que é sentido pelo velejador em movimento.

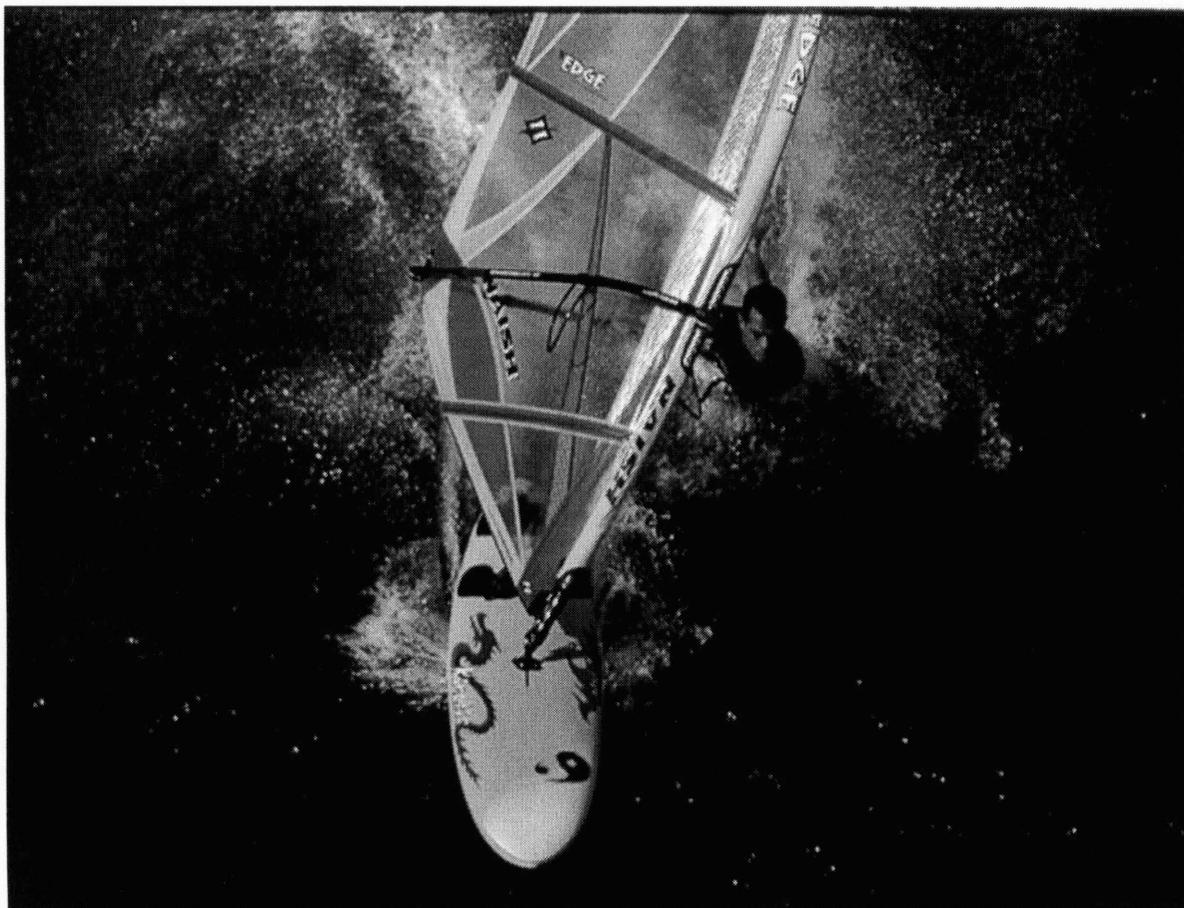
WATERSTART: técnica usada para voltar fácil e rapidamente a velejar de depois de uma queda. Na água, o velejador ergue o rig o suficiente para encher a vela com vento, e então é erguido por ele de volta à sua prancha, na posição correta para velejar.

WAVE: prancha ou vela desenhada para o uso em ondas.

JWILLY SKIPPER: salto em que o velejador joga a rabeta da prancha por trás de suas costas e aterriza com o bico da prancha.

WINDSURF (WINDSURFING): surfando com o vento.

ANEXO 2



Dudu Mazzocato

Foto: Peter Sterling

Local: Hookipa Maui, HI

Data: 13/11/1998

Disponível em <<http://windsurfmania.com.br>> Acesso em: 12 Jun 2006.



Kauli Seadi Jaws drop February 20

Foto: Julia Deutsch

Local: Peahi - Maui, HI

Data: 20/2/2004

Disponível em <<http://windsurfmania.com.br>> Acesso em: 12 Jun 2006.



Brawzinho Switch Stance

Foto: Francisco Chagas

Local: Jericoacoara, CE

Data: 21/8/2004

Disponível em <<http://windsurfmania.com.br>> Acesso 12 Jun 2006.



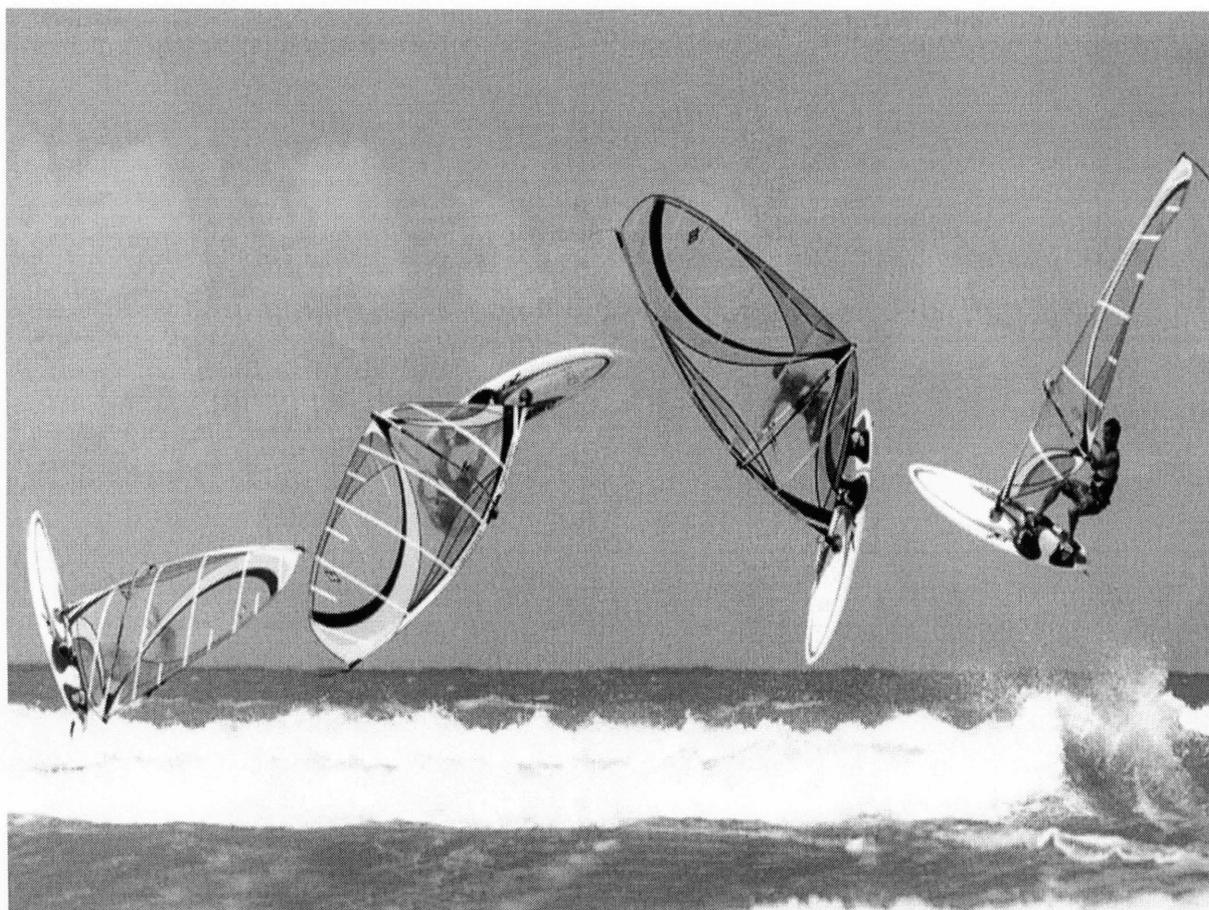
Ian Moura Shove It

Foto: Roberto Tondini

Local: Jericoacoara, CE

Data: 5/12/2005

Disponível em <<http://windsurfmania.com.br>> Acesso em: 12 Jun 2006.



LEGENDA: Sequência de fotos para mostrar um salto completo.

Dudu Mazzocato FW Loop Sequence

Foto: Daniel Roman

Local: Aloha Point - Iparana, CE

Data: 10/10/2003

Disponível em <<http://windsurfmania.com.br>> Acesso em: 12 Jun 2006.



Dudu Mazzocato Jibe

Foto: Peter Sterling

Local: Sprekesville - Maui, HI

Data: 5/5/1996

Disponível em <<http://windsurfmania.com.br>> Acesso em: 12 Jun 2006.



Bruno Mazzocato Slalom em Maui

Foto: Peter Sterling

Local: Maui, HI

Data: 7/7/1996

Disponível em <<http://windsurfmania.com.br>> Acesso em: 12 Jun 2006.



Kauli Seadi Racing

Foto: AHD

Local: Maui, HI

Data: 8/8/2004

Disponível em <<http://windsurfmania.com.br>> Acesso em: 12 Jun 2006.

ANEXO 3

Manobra: Front Loop I

Velejador: Dudu Mazzocato - BRA161

Local: Maui, Hawaii, USA

Prancha: Mistral Score 250

Vela: Naish Sails Edge 5.0

Vento: 15 knots constantes, rajadas de 22 knots

Água: Bump & Jump

Disponível em <<http://windsurfmania.com.br>> Acesso em: 12 Jun 2006.



No momento da decolagem, quatro dicas deixam meio caminho andado:

- Segurar bem atrás da retranca com a mão de trás
- Arribar para saltar
- Manter a prancha horizontal no salto (puxe a perna de trás)
- Aproximar a onda/marola com o corpo bem vertical (não tão inclinado para trás) Assim você já "girou" boa parte do looping mesmo sem ter começado!



A rotação acontece quando você "caça" a vela com a mão de trás e ao mesmo tempo flexiona a perna de trás. Quanto mais próximo de uma "bola" fica seu corpo mais rápida será a rotação. O braço da frente deve ser estendido. O movimento é de posicionar a vela para frente. O queixo deve estar próximo do ombro de trás, apontando a cabeça para dentro da vela.



A cabeça, por ser pesada, controla boa parte do looping. Nunca deve estar jogada para trás, freando a rotação. Segurar a retranca bem atrás, como em qualquer manobra, te dá muito mais alavanca e controle. A rotação fica extremamente fácil e a aterrissagem planando também.



Nas suas primeiras tentativas, a pressão que você sente na rotação pode assustar um pouco, mas nunca solte a retranca!! Ao soltar da retranca você perde o controle do equipamento e pode se machucar.



Nos primeiros estágios de aprendizado, a prancha e a vela vão encostar na água, atrapalhando a rotação. Você vai aprender a: ter mais velocidade saltar mais alto posicionar a mão bem atrás da retranca trazer o pé de trás próximo da bunda!!!!



Alegria! Você está totalmente de ponta cabeça e finalmente realizando a tão perguntada pirueta.



No começo, você vai apenas se preocupar em "rodar" o looping, mas depois vai começar a aperfeiçoar as aterrissagens. Com muita prática, você vai descobrir que logo depois de realizar metade da rotação, vai ser hora de estender um pouco braços e pernas para frear o giro. Assim você vai aterrisar com mais controle e já na posição correta de velejar normalmente.



Nesta foto a vela está muito horizontal, mostrando que o windsurista tem que estender bastante os braços para que saia velejando depois de aterrisar. Um erro comum é continuar como uma bola, resultando numa aterrisagem em que a vela fica "chapada" na água.



Para frear a rotação antes de aterrisar você vai estender braços e pernas, mas sempre mantenha os joelhos um pouco flexionados na aterrisagem. Aterrisar um looping com as pernas estendidas pode machucar feio os joelhos!! Com bastante prática, você vai sentir aonde está durante a rotação e vai poder posicionar a prancha no ar para aterrisar com estilo. Boa sorte!!

OBSERVAÇÃO:

Um FW loop perfeito:

- Seco: nenhuma parte da prancha ou vela toca na água depois de saltar e antes de aterrisar. A cabeleira continua seca e bem penteada.
- Saltar o mais alto que puder (mesmo em marolas) e esperar até o limite para girar (girando bem rápido) dá um estilo bem agressivo à manobra.
- Planando: nos loopings com mais distância e menos altura (marolas ou ondas pequenas) continua-se planando ao aterrisar.

DICA:

Vê se não esquece:

- segurar bem atrás da retranca com a mão de trás
- arribar para saltar
- saltar com a prancha horizontal (puxar a perna de trás)
- virar uma bola (encolher o corpo) para girar
- estender braços e pernas para frear a rotação